

20

Ela não se perderá na extática contemplação do Círculo, e não desprezará a santa e modesta necessidade quotidiana.

21

Em seu estreito e ensangüentado sulco, em seu raio minúsculo de espaço e de tempo, ela trabalha com afinco e triunfa sobre o espaço e o tempo; porque esse sulco segue o divino impulso do círculo inteiro.

22

Pouco importa a face que outras épocas e outros povos atribuíram à essência difusa e imortal; os homens enfeitaram-na com virtudes humanas, recompensas e castigos; emprestaram-lhe suas esperanças e temores, submeteram sua anarquia a um ritmo e encontraram um pretexto divino para o seu trabalho e para a sua existência. Eles cumpriram seu dever.

23

Mas, hoje, ultrapassamos essa necessidade, rompemos a velha máscara do abismo, e ela já não pode conter o nosso Deus.

24

Com o coração repleto de nova angústia, de reverberações e de silêncios novos, o mistério tornou-

se para nós mais inacessível. Deus surgiu. Emergem sombrias forças, transbordam, e a pequena ilha humana se estremece.

25

Ouçamos o nosso coração e perscrutemos com intrepidez o abismo. Com a nossa carne e o nosso sangue, modelemos a nova face de nosso Deus, aquela que se adapta ao nosso tempo.

26

Porque o nosso Deus não é uma abstração, nem uma necessidade lógica, nem um amontoado erudito e harmonioso de silogismos e fantasias.

27

Não é apenas um resíduo do nosso espírito, imaculado, neutro, assexuado, estéril, sem gosto nem cheiro.

28

Nosso Deus é homem e mulher, mortal e imortal, lama e espírito. Ele engendra, fecunda e mata, pois é ao mesmo tempo amor e morte; depois, volta a engendrar, e de novo mata, sempre a dançar além das fronteiras da lógica, pois esta não pode tolerar antinomias.

29

Meus Deus não é todo-poderoso. Combate, arisca-se a cada instante, treme, titubeia diante de cada